



## ENTREVISTA

## MICROENTREVISTA NO DIVÃ DA NOSSA DEEP WEB

Wellington Amâncio da Silva<sup>1</sup>, Leonardo Rodrigues Simião Pereira<sup>2</sup>

O presente texto<sup>3</sup> é fruto de conversa netinterativa, entre mim e o escritor alagoano Leo Barth. Transliterei ou rememorei as conversas (segundo certas e daninhas aleatoriedades). Estes questionamentos de Barth, segundo me disse depois, procuram sintetizar seus próprios diálogos com amigos do CLUM — Círculo Literário *Underground* de Maceió, após leitura de “o reneval neste Círculo.

*Leo Barth* — Bicho, o que é “o reneval”? Tentaria sintetizar a parada?

*Wellington Amâncio* — O livro de versos é dividido em sete seções, cada uma das quais denominadas de litania<sup>4</sup>, cujo substituto, geralmente uma frase em latim, assinala o espírito do conjunto dos versos. Recorro à personagem de Antígone, de Sófocles, assumida na condição de voz discursiva da maioria das litânicas, pois eu não poderia fazê-lo sozinho. Antígone abre-se à oratória da primeira litania, falando de si, falando do topos sobre o qual está-se falando do horizonte existencial que a rodeia, falando dos seus complexos sentires, falando do destino, e sua fala é a celebração da égide da Cacofonia<sup>5</sup> (ou o áureo da linguagem que melhor evoca o mundo). Antígone aceita o destino e compreende sua tragicidade, e é por aceitá-lo e compreendê-lo que investe sobre ele. É a personagem mais forte mundo. Ela, Antígone — a filha e irmã de todos os homens desventurosos — é mais forte que o destino. É disso que trato na primeira litania — o fato de Antígone ser mais forte que o destino. Antígone é Aquela-que-recusa! e resiste. Que se agarra a última chance de redenção.

Fiz a segunda litania inspirado na sétima canção, *Fitter Happier*, do álbum “OK Computer” (Radiohead) — que possui também a entonação de litania). Em “o reneval” esta litania alude ao homem contemporâneo, de meia idade, em busca do que está de fora, e não compreende bem esta busca.

Na terceira litania ensaio uma espécie de metapoética (sempre do ponto de vista do trágico). Aí o que interessa-me é a palavra, isto é, o elemento primeiro de sentido-de-mundo, de investida sobre o mundo. Há um elemento metafísico — de recorrer à linguagem para ser no mundo. Sem a palavras não somos nada, porque o ser é signo, e habitando nela, respirando e caminhando por ela, somos um “quase”, um “talvez”, ou um “quem sabe”, porque necessariamente nos refazendo pela palavra, teremos um eu que é periférico à *concretude* sem nome da natureza (essa não pertença é, numa metáfora, o banimento edênico do humano; fruto de toda metafísica, logo, da linguagem como morada que mimetiza um éden encontramos nosso paraíso artificial e artificioso). Esta terceira litania tem continuidade na sexta e na sétima, que se concluem aludindo à condição do poeta, às idiosincrasias do poeta.

A quarta litania é uma alegoria aos “poderes deste mundo”, — termo ainda expresso romantizadamente, visto não haver poder algum, talvez um simulacro, ou quem sabe a *paciência-da-natureza-em-relação-a-um-bando-de-idiotas-“regentes”*. Dito isso, esta quarta litania alude debochadamente ao homem “poderoso”, que definindo poderes aos seu redor, está certo de estar-se contido no poder e assegurado — quando na verdade o mundo pode ruir.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas-UFAL. E-mail: wellington.silva@cedu.ufal.br

<sup>2</sup> Graduado em História. Publicou o livro de versos *Garagem do Paraíso* (Edições Parresia, 2019). É cofundador do grupo Arborosa, de poesia, arte visual e fotografia. Possui textos publicados em revistas de literatura, no Brasil e exterior. E-mail: leosuncalvin@hotmail.com

<sup>3</sup> Publicado no Utsanga — Rivista di critica e linguaggi di ricerca, n° 20, 2019 (ISSB2421-3365).

<sup>4</sup> Litania é “prece”, “reza” geralmente em forma de petição ou louvor. Adotamos aqui tal formato, sem pretensões religiosas ou de crítica à fé. Temos aqui preces mundanas, alçadas a nenhum deus e para lugar nenhum. São cânticos sinuosos ofertados aos homens, ao entendimento dos homens.

<sup>5</sup> A Cacofonia é a dimensão especular do mundo.



Não há nada mais ridículo do que está certo de estar-se contínuo no poder, porque as estruturas do universo por vezes se agitam sismicamente — de um ponto de vista escatológico, talvez, mas, precisamente digo natura non *contristatur!* Nesta quarta litania, o poder é ridiculamente uma vontade de importar-se consigo mesmo, afirmar-se para além da fragilidade da carne, como se ela fosse aço, e adotando uma hermenêutica-de-mundo para si que ninguém mais neste mundo adota para si.

A quinta litania é uma longa metáfora sobre o destino. Aí incorporei elementos da literatura trágica ao mesmo tempo em que evocava-se o ambiente caatingueiro. Faço a alusão à condição trágica de ser homem. Retorno ao arquétipo do rei (*o homo ridiculus universalis*), ou, para ser cosmopolita, o *asshole-being*. Trato obliquamente da condição de Sísifo (persona sempre revisitada), isto é, do trabalho inútil & necessário de cada-ser-vivente-nesta-terra: à *diligência de alguma coisa/as mãos desatam o nó da lida/ [...] e o mundo é todo de coisas ocas*.

A sexta litania temos uma prece anelante e devotada à Santa Cacofonia, que é, por assim dizer, a fundadora do Ocidente... Na sétima litania trato da condição do escrito em que ao seu redor tudo e tudo “descoopera” contra a sua sina, contra a sua lida, contra a sua escrita — e é o escritor chamado de “zé”, porque ali, em sua pátria de Epi-pocal, ninguém mais se lembra que existe uma coisa chamada Literatura, e zé quer mostrar a quem o que escreve? (eu não te digo porque seria como um palavrão, uma pilhéria absurda ou um praguejar). Acho que é o suficiente. Não mergulhem nestas duas últimas litanias. Deixemos para uma próxima oportunidade, e quem sabe e talvez, ou sabe-se lá quando.

**Leo Barth** — Na segunda litania você remete ao Gutenberg — o inventor da imprensa —, perguntando-lhe alguma coisa que se relaciona com “veículos”. Por favor, qual a relação entre “Gutenberg” e “veículos”, visto ter sido ele um homem renascentista, isto é, anterior a Revolução Industrial?

Wellington Amancio — Na época de Gutenberg vivia-se debaixo de um paradigma científico que acendia o desejo da humanidade a uma “vontade de máquina”. Viveu ele numa sociedade que iniciava sua transição epistemológica, quanto mais se apropriava do paradigma Copernicano, que por si só é uma representação maquinica. Aquela “vontade de máquina” compreendeu a existência de uma forte demanda-de-veiculação; por sua vez, tal vontade tem o desejo de gozo-da-réplica, ou gozo-da-replicação, e o Renascimento é o ensaio para tornar o mundo máquina, e em seguida advém o racionalismo de Descartes e síntese desse novo “universo mecânico”, e a Modernidade se consolida pela replicação (seu espírito e estrutura universais são *replicantes*). Gutenberg é pai desse gozo maquinico, e sua demanda é a vontade de veiculação. Por isso quando discorro sobre Gutenberg, quero aludir à “vontade de máquina” e seu ao desejo de replicação ad *infinitum*. Em relação aos fundamentos estruturais deste nosso mundo ocidental, todo de “coito replicativo” que espermatiza em todo lugar sua “cópia-da-cópia”, fazendo gestar replicantes, tem assim, como resultado deste coito, o lixo (porque o lixo não é outra coisa senão a sobra desse excesso de replicação). Assim como uma árvore dispõe de frutos como um “fim”, por assim dizer, Gutenberg nos dispôs a imprensa e nós dispomos, de modo teleológico para o mundo, o novo produto-último e ontológico, o lixo. Por isso, quando em “o reneval” eu insisto no “lixo”, “lixo”, “lixo”, estou evocando a Ontologia da Replicação, absolutamente inerente ao humano.

**Leo Barth** — Fale-nos mais, qualquer coisa, sobre “o reneval”.

**Wellington Amancio** — No percurso de escrita de “o reneval” eu estava muito envolvido com filosofia e certas frustrações me perturbavam. Estava pensando neste desejo muito humano, de “gozo de replicação”, de “desejo de cópia”, e que os alicerces do mundo contemporâneo são de tijolos iguais, e que a nossa existência, meios e finalidades são de tijolos iguais, e que a nossa redenção é um muro bem grande de tijolos iguais, e as escatologias-de-mundo serão um ruir estrepitoso e sísmico da fachada imensurável de mundo de tijolos iguais, e que o amor é um tijolo-seis-furos. Para além da filosofia, todavia, a confecção de versos e o desejo da escrita poética, na forma de dicção, neste livro, idiossincrática, não permitem um discurso do tipo “geométrico”, do tipo “cúbico” — “o reneval” é



uma experiência, e é num misto de escolhas pensadas, reflexivas e também intuitivas (porque a intuição alcança logo a epifania); adoto o uso de alguns espaços vazios e fissuras no cerne da palavra, no jogo da tensão semântica, objetivando que o leitor exerça autonomia de significação sobre a linguagem.

A escrita de “o renewal” pretende-se quebradiça como os sulcos e as reentrâncias dos troncos de uma velha *Spondias tuberosa*, e imita as sinuosidades abruptas dos seus galhos, que são uma forma de escrita pênfil no vão da presença da paisagem, ao tempo em que esta árvore sustenta sua própria frondosidade. Quero imitá-la! — e o “trabalho de escrever”, que estou fazendo dentro da minha precariedade generalizada em meio ao mundo, me satisfaz, tal a uma árvore que se satisfaz com sua própria sombra, eu penso.